

“COM VENENO É FÁCIL DE MATAR”

A sombra da Primeira Guerra Mundial na ficção de Agatha Christie

“IT IS EASY TO KILL WITH POISON”

The shadow of the First World War in Agatha Christie's fiction

LUCAS MATHEUS ARAÚJO BICALHO¹

LUÍS FERNANDO DE SOUZA ALVES²

STEFANY REIS MARQUIOLI³

RESUMO

Agatha Christie escreveu livros que mergulham leitores em tramas intrigantes. O que muitos não sabem é que ela foi enfermeira e auxiliar de farmácia na produção de medicação e substâncias tóxicas, durante a Primeira Guerra Mundial. Sua atuação durante esse grande conflito bélico foi importante para a construção e desenvolvimento de suas produções, nas quais a morte por envenenamento é um tema frequente, área na qual ela era especialista. Este artigo objetiva evidenciar como as funções desempenhadas por Agatha na Primeira Guerra Mundial influenciaram os escritos da autora, dos quais *O Misterioso Caso de Styles* e *Os Cinco Porquinhos* são exemplos. A metodologia é qualitativa, com revisão bibliográfica feita a partir da autobiografia e biografia de Agatha Christie. Utiliza-se a abordagem conceitual de *mimese*, segundo Aristóteles, para elucidar representações de guerras em narrativas. A participação da autora na enfermagem e no dispensatório durante a Primeira Grande Guerra influenciou na elaboração de suas narrativas, bem como suas experiências pessoais e familiares.

Palavras-chave: Agatha Christie. Literatura. Primeira Guerra Mundial. Romance policial. Veneno.

¹ Professor de História da Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG). Mestre em História Social, pela Universidade Estadual de Montes Claros. E-mail: bicalholucas7@gmail.com.

² Mestre em Arqueologia das Paisagens Culturais pela Universidade de Jaén e Universidade Internacional de Andaluzia. Mestrado em Sociedade, Ambiente e Território (2024) pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: luisf3@gmail.com

³ Mestra em História Social pela Universidade Estadual de Montes Claros (2024) e licenciatura em História pela Universidade do Estado de Minas Gerais (2021). E-mail: stefanymarquioli@gmail.com

ABSTRACT

Agatha Christie wrote books that immerse readers in intriguing plots. What many people don't know is that she was a nurse and pharmacy assistant in the production of medication and toxic substances during World War I. Her work during this great war was important for the construction and development of her productions, in which death by poisoning is a frequent theme, an area in which she was an expert. This article aims to highlight how Agatha's roles in World War I influenced her writing, examples of which include *The Mysterious Affair at Styles* and *The Five Little Pigs*. The methodology is qualitative, with a literature review based on Agatha Christie's autobiography and biography. The conceptual approach of mimesis, according to Aristotle, is used to elucidate representations of wars in narratives. The author's participation in the infirmary and dispensary during the First World War influenced the development of her narratives, as well as her personal and family experiences.

Keywords: Agatha Christie. Literature. First World War. Crime novel. Poison.

INTRODUÇÃO

As luzes se apagaram na Europa. Foi assim que Edward Grey descreveu o sombrio momento em que as lâmpadas de Whitehall se extinguíram, simbolizando a entrada da Grã-Bretanha na guerra contra a Alemanha. Com essa declaração, não apenas uma guerra começou, mas o próprio século XX foi lançado nas trevas. A Primeira Guerra Mundial (1914-1918) emergiu como uma catástrofe sem precedentes, arrastando o continente por quatro anos de horror e destruição que pareciam não ter fim para aqueles que a vivenciaram (Hobsbawm, 1994). Esse conflito marcou o fim brutal da Belle Époque (1871-1914), um período de aparente estabilidade, otimismo e florescimento burguês, sustentado pelo avanço do capitalismo e do imperialismo (STANCIK, 2009). Ao refletir sobre essa ruptura civilizacional, Eric Hobsbawm afirma:

[...] 'Paz' significava 'antes de 1914': depois disso veio algo que não mais merecia esse nome. Era compreensível. Em 1914, não havia grande guerra fazia um século, quer dizer, uma guerra que envolvesse todas as grandes potências, ou mesmo a maioria delas, sendo que os grandes participantes do jogo internacional da época eram as seis 'grandes potências' europeias (Grã-Bretanha, França, Rússia, Áustria Hungria, Prússia – após 1871 ampliada para Alemanha – e, depois de unificada, a Itália), os EUA e o Japão [...] (HOBSBAWN, 1994, p. 30).

A Primeira Guerra Mundial impactou profundamente não apenas aqueles diretamente envolvidos no *front* (frente de batalha), mas também populações civis e nações distantes do conflito, tornando a própria noção de paz obsoleta naquele momento. Até então, apenas uma guerra entre grandes potências havia deixado marcas relevantes na memória europeia, a Guerra da Crimeia (1854-1856), travada entre Rússia, Grã-Bretanha e França. Os conflitos anteriores, em sua maioria, foram localizados e de curta duração. Por isso, o confronto que eclodiu em 1914 se revelou particularmente aterrador: ninguém estava preparado para a escala da destruição, a duração prolongada e o impacto psicológico e social que essa guerra moderna traria. Era um tipo de horror sem precedentes, uma ruptura histórica que redefiniria para sempre a experiência humana com o conflito.

É nesse contexto de Primeira Guerra que esta pesquisa está inserida, momento esse marcado por agitação social de larga escala, quando milhares de homens e mulheres ingressaram na guerra, ao fornecer mão de obra em indústrias, na produção de artilharia, em hospitais, no cuidado aos combatentes, no setor mecânico e como motoristas de ambulância (ROBBINS, 2002). Um exemplo de pessoa inserida nesse cenário de mudanças é Agatha Christie, mulher britânica, branca e de classe média, que prestou serviços como enfermeira voluntária no hospital em Torquay, cidade britânica, e, posteriormente, atuou no dispensatório, com a produção de remédios (CHRISTIE, 1977).

A entrada de Agatha e de milhares de outras mulheres na guerra teve papel fundamental para que a Grã-Bretanha pudesse permanecer em pé durante o conflito. Com isso em vista, esta pesquisa tem como objetivo, em primeiro momento, tratar da atuação de Agatha Christie no hospital e dispensatório em Torquay, de 1914 a 1917. Posteriormente, analisar, a partir de suas experiências e testemunhos na guerra, a influência que o conflito exerceu sobre alguns de seus livros, tais como *O Misterioso Caso de Styles* (1920) e *Os Cinco Porquinhos* (1942).

Analisa-se a abordagem teórica de *mimese*, do filósofo Aristóteles (2008), com o intuito de compreender os impactos da Primeira Guerra Mundial e de suas experiências nos dois livros supramencionados de Agatha Christie. Ademais, utilizam-se outras literaturas, além de artigos sobre a autora e seus

romances, sua autobiografia e biografia. Dessa maneira, por meio do conceito de *mimese*, possibilita-se compreender a representação que aquela Grande Guerra teve na escrita de Christie. Ela atuou no hospital como enfermeira, limpadora e, em 1917, como auxiliar de farmácia, envolvida na produção manual de receitas médicas e que, com o fim da guerra, acabou por investir em sua carreira de escritora.

Na época, o ambiente da farmácia era majoritariamente masculino, como a própria Agatha Christie recorda em sua autobiografia (1977). Ainda assim, graças à sua dedicação e à habilidade que demonstrou ao lidar com substâncias e fórmulas, ela conquistou um posto no dispensário de Torquay, atuando lado a lado com um farmacêutico. Essa vivência não foi apenas um trabalho de guerra: seria, mais tarde, uma fonte rica de inspiração para sua trajetória como escritora e dramaturga. Agatha tornou-se, assim, uma figura visível na ciência e, sobretudo, na literatura, um espaço onde deixou marcas profundas. Apesar dos obstáculos impostos a mulheres de sua época, ela conseguiu ser reconhecida e valorizada em sua sociedade. A partir de suas experiências, compreendemos que as mulheres não apenas participaram da história, elas a fizeram, mesmo quando seus feitos foram silenciados ou apagados pela historiografia tradicional (PERROT, 2019).

1. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Atualmente, afirmar que a literatura permeia o campo historiográfico como fonte histórica não costuma gerar controvérsias e polêmicas. Mas nem sempre essa aceitação foi uma realidade (FERREIRA, 2009). Durante as últimas décadas, segundo Ferreira (2009), fontes literárias foram e ainda são consideradas por historiadores como registros importantes, por conta de sua múltipla riqueza de significados para a compreensão de aspectos universais da cultura humana. Exemplo disso são os valores morais, sociais e experiências individuais de sujeitos, revelando o contexto de produção simbólica⁴ de determinada época.

⁴ Conforme Pierre Bourdieu (2010, p. 8), “O poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daquelas que não querem saber que lhe estão sujeitas ou mesmo que o exercem”.

Nesse sentido, realizamos uma análise a partir da abordagem teórica conceitual de *mimese*, do filósofo Aristóteles (2008), com o intuito de compreender como a experiência da Primeira Guerra Mundial influenciou obras de Agatha Christie, das quais o *Misterioso Caso de Styles* (2007) e *Os Cinco Porquinhos* (2014) são exemplos. Também utilizamos outras literaturas, como artigos sobre a autora e sobre seus romances, além da sua autobiografia e biografia. Dessa maneira, por meio do conceito mimético, foi possível compreender como a Grande Guerra afetou a escrita de Christie.

A seleção dos livros originalmente escritos em 1920 e 1942 ocorreu devido ao modo utilizado pela escritora para eliminar seus personagens, a saber, por meio de envenenamento, com uso de substâncias tóxicas bem conhecidas pela autora. Posteriormente, ao examinar as obras literárias, comparamos suas narrativas, personagens, cenários e enredos. Para complementar a discussão, adicionamos a autobiografia e biografia da Agatha Christie. Esse cruzamento de fontes foi realizado com o propósito de determinar como a literatura reflete vivências da autora no percurso da Primeira Guerra Mundial.

2. A ADESÃO DA GRÃ-BRETANHA À PRIMEIRA GUERRA MUNDIAL

Segundo Hobsbawm (1994) e Stevenson (2014), a Primeira Guerra iniciou em 1914, após a morte do arquiduque austríaco Franz Ferdinand, e durou por quatro longos anos, terminando apenas em 1918. De acordo com a historiografia, o assassinato de Ferdinand é considerado o estopim de uma teia de episódios em constante ascensão: a Áustria-Hungria responsabilizou o governo sérvio pelo ataque e usou o episódio como motivação para solucionar a questão do nacionalismo sérvio (GILBERT, 2015).

De acordo com Eric Hobsbawm (1994), assim iniciou a era das catástrofes, com o desencadeamento da Primeira Guerra Mundial, em 28 de julho de 1914, evento descrito pelo historiador como uma catástrofe precipitada por um erro de cálculo político. Em virtude disso, diferentes alianças entre nações, formadas em conflitos anteriores, passaram a ser invocadas e, em semanas, grandes potências europeias entraram em guerra, a qual adquiriu proporções catastróficas. Alemanha, Áustria-Hungria, Bulgária e Império

Otomano (Impérios Centrais) entraram em guerra contra França, Rússia, Grã-Bretanha, Itália, Romênia, Japão e Estados Unidos da América (Aliados).

Ferguson (1998) afirma que, em 1914, um dos grandes obstáculos capazes de alterar o cenário no campo de batalha era o posicionamento político da Grã-Bretanha. Nas fases iniciais do conflito, o envolvimento britânico não parecia importante para os líderes responsáveis por decisões políticas do continente europeu no sentido de levar rumo a um término da guerra, tampouco para os alemães, os quais não acreditavam que a força do exército britânico pudesse alterar o resultado do conflito. Diante disso, os britânicos conduziram diversas discussões e debates no Parlamento para deliberar sobre a participação da nação no conflito, dados os avanços dos alemães e ataques à França e Bélgica (FERGUSON, 1998). Durante o pronunciamento à Câmara dos Comuns, em 3 de agosto, momento em que ocorreu a declaração do ultimato alemão à Bélgica, Edward Grey proferiu:

[...] 'se a França for derrotada em um conflito de vida ou morte ... eu não creio que [...] nós estejamos em uma condição de usar nossa força decisivamente para ... evitar que toda a Europa Ocidental se oponha a nós ... caindo sob a dominação de uma única potência' [...] (apud FERGUSON, 1998, p. 163) [TRADUÇÃO NOSSA].

Em decorrência disso, na noite de 04 de agosto de 1914, Henry Asquith, o primeiro-ministro, sentenciou guerra à Alemanha. Assim, com o conflito em percurso, a força de trabalho foi intensamente movida pelo governo britânico, com um número sem precedentes de mulheres na história. Grande parte delas foi convocada para substituir homens durante e após a guerra, uma vez que muitos deles perderam a vida no campo de batalha ou ficaram impossibilitados de trabalhar (HASTINGS, 2014).

Além disso, milhares de mulheres desempenharam funções nas Forças Armadas, como enfermeiras na Cruz Vermelha e no serviço civil de seus respectivos países⁵. A Inglaterra, por exemplo, que declarou guerra à Alemanha, convocou mulheres para compor a força de trabalho em espaços que antes não eram comumente ocupados por elas. Essas mulheres trabalhavam em diversos setores, como fábricas de munições, agricultura, administração pública, hospitais

⁵ O único beligerante a criar batalhões de guerra constituídos por mulheres foi o governo provisório russo.

e outras funções (CAMPOS, 2012). Desse modo, a união e o trabalho dessas mulheres tornaram-se indispensáveis para o futuro e vitória no conflito.

3. MISTÉRIOS DA HISTÓRIA: AGATHA CHRISTIE E SEU PAPEL NA GRANDE GUERRA

A partir do que é relatado nas memórias de Agatha Christie sobre a Primeira Guerra Mundial, Morgan (2018) explica que a guerra chegou de modo inesperado para ela e sua mãe, Clara Boehmer, pois ambas não liam os jornais, os quais informavam sobre os acontecimentos sociais, políticos e econômicos na Inglaterra. Também não davam importância para discursos e ações do Kaiser nos primeiros passos do conflito. Essa paz deve-se ao fato de a Europa não ter experimentado grandes guerras há um tempo. Apesar disso, existiram cidadãos britânicos que notavam a movimentação dos alemães e a disputa nos Balcãs, que, em poucos dias, traria catástrofes mundiais.

Durante o verão de 1914, funcionários do Estado motivaram a classe média e alta da Inglaterra a se dirigirem a campos e mares da Escócia, com o propósito de desfrutar de dias ensolarados. Aquele descanso de verão foi o último período de paz para os britânicos, pois, dias depois, por diversos motivos, a Grã-Bretanha entrou no *front* (MORGAN, 2018). O *Esquadrão Aéreo Real* foi o primeiro ramo das forças armadas convocado para o combate. Entre os pilotos, Archie Christie, noivo de Agatha Mary⁶, estava presente quando os britânicos declararam guerra. Meses depois, em outubro de 1914, Agatha foi uma das 90.000 enfermeiras do *Destacamento de Auxílio Voluntário (Voluntary Aid Detachment)*, as quais se voluntariaram para ajudar na guerrilha em Torquay, recebendo um barco cheio de combatentes feridos. Mais tarde, na véspera de Natal de 1914, Agatha e Archie casaram-se na igreja paroquial dele, com trajes comuns, aproveitando a licença do combate (WEINBERG, 2014).

No que tange à biografia de Agatha Christie e seu relato sobre a guerra, a autora a descreve como um campo de carnificina sangrenta. Ela registra uma triste lista de mortos e desaparecidos, cujas histórias dolorosas surgiam nos periódicos ingleses, com manchetes que traziam sensações de dor pela perda

⁶ Até esse momento, Agatha ainda não estava casada com Archie Christie, de quem receberia o sobrenome.

de entes (Morgan, 2018). Entre os indivíduos que voltavam para casa, havia aqueles que ficaram com diversas deformidades e sequelas físicas e mentais, sendo exemplo desta última o *Transtorno de Estresse Pós-Traumático* (TEPT). A sociedade inglesa passou a ficar apavorada. Antes do início da guerra, Agatha relata que havia estudado sobre curativos e primeiros socorros durante a juventude. Por conta disso, durante o conflito, a escritora trabalhou no hospital em funções domésticas e de limpeza, como no polimento de metais e na limpeza de sangue dos assoalhos (MORGAN, 2018).

Além disso, a escritora destaca que os aprendizados e conhecimentos adquiridos na enfermagem, durante a Primeira Guerra Mundial, ficavam a cargo de mulheres voluntárias. Era função delas aprender a aplicar ligaduras nas pernas, braços e, habilmente, até mesmo na cabeça dos feridos, uma atividade que, nas palavras de Agatha, era “[...] muito mais difícil [...]” (CHRISTIE, 1977, p. 346, tradução nossa). Com relação às práticas na enfermagem, Christie narra em sua autobiografia um dos momentos em que homens feridos, retornados do *front*, expressavam sua resistência ao cuidado: “‘Não deixem aquelas prestadoras de primeiros socorros se aproximarem de mim!’”. O grito aumentava: ‘Não me toquem, moças. Não me toquem!’” (CHRISTIE, 1977, p. 222, tradução nossa). Essa recusa de homens em serem tratados e cuidados por mulheres, parece ter ecoado, mais tarde e de alguma maneira, nos escritos da autora. Em suas obras, personagens femininas possuem profissões incomuns para o gênero na época, como é o caso da Jane Marple, detetive tida como uma mulher intrometida e solteira, quando solucionava algum mistério. Apesar de seus notáveis resultados em resolver crimes, Marple não era bem-vista no cenário da investigação em razão de seu gênero.

Voltando ao cenário da guerra, Christie (1977) afirma que a competição entre as mulheres para trabalhar na enfermagem do hospital era acirrada. Todavia, as primeiras selecionadas eram senhoras que já tinham conhecimento e experiência no cuidado e tratamento de feridos e doentes, serviços estes que não eram destinados a moças, uma vez que não haviam tido contato com sangue em enfermarias. Os serviços para essas jovens, segundo a autora, eram na limpeza de assoalho, organização dos metais e outras tarefas domésticas. As que não desejavam cuidar de ferimentos eram conduzidas para serviços na cozinha. Aos seus leitores, Agatha descreve sua atuação no hospital da seguinte

maneira:

Entrei no hospital, mas apenas como empregada doméstica, e comecei zelosamente a arear os metais. No entanto, depois de cinco dias, fui promovida para a enfermaria. Muitas das senhoras de meia-idade cuidavam pouco ou nada dos pacientes e, mesmo cheias de compaixão e de boa vontade, não apreciavam muito certas tarefas, como despejar urinóis, lavar os oleados e o vômito, e suportar o odor dos ferimentos que supuravam. **Acho que a ideia que tinham de enfermagem era a de alisar travesseiros e murmurar palavras suaves e tranquilizadoras para nossos bravos combatentes.** Assim, esses idealistas abandonaram suas tarefas com satisfação: jamais pensaram que teriam de fazer coisas como aquelas, diziam. Para junto dos feridos foram destacadas resistentes jovens moças no lugar daquelas (CHRISTIE, 1977, p. 228, grifo da autora, tradução nossa).

Por meio desse relato de Agatha, é possível imaginar enfermeiras atarefadas, com uma enorme carga de trabalho no hospital, ausência de experiências e perseverança, além do tipo de cuidado a que muitos eram submetidos. Assim, em sua autobiografia, Christie descreve esse período como de muita agitação, por conta do elevado número de homens feridos que necessitavam de tratamento de imediato, de um lado, e a pouca iniciativa de voluntárias, de outro (CHRISTIE, 1977).

4. A INTRODUÇÃO DE AGATHA CHRISTIE NA ARTE VENENOSA

Trabalhar no hospital desempenhando múltiplas funções, durante a Primeira Guerra Mundial, era algo que proporcionava satisfação para Agatha Christie. Todavia, quando um novo dispensatório foi inaugurado no hospital, em 1917, a escritora enxergou isso como uma oportunidade para trabalhar com o que mais desejava: medicamentos e produção de substâncias tóxicas (HARKUP, 2020). Devido à necessidade de treinamento adicional para o exame, Agatha teve o apoio, orientações teóricas e práticas em química e farmácia de suas colegas do dispensatório. Para alcançar esse objetivo, Christie deveria passar nos exames para se graduar como auxiliar de farmácia ou de dispensaria, o que aconteceu em 1917. Ela foi aprovada no exame do *Salão dos Boticários (Apothecaries Hall)* e aceita como auxiliar de farmácia, atuando em funções relacionadas à produção manual de substâncias. Esses componentes e venenos perigosos eram pesados cuidadosamente e verificados por Agatha, antes de serem entregues a compradores (HARKUP, 2020).

Em sua autobiografia, Christie (1977) relata que substâncias inócuas, como corantes artificiais, eram adicionadas a fim de atender ao paladar pessoal. Diversos pacientes voltavam ao dispensatório relatando queixas sobre cor ou sabor dos medicamentos, afirmando que foram alterados. A partir disso, Agatha se via obrigada a investigar possíveis erros cometidos durante a produção dos medicamentos, até descobrir o motivo. Além disso, Agatha teve aulas particulares com um farmacêutico em Torquay, referido por ela como Sr. P⁷, que a instruiu sobre a forma correta de preparar a medicação em supositórios, uma tarefa que ela considerou complexa. Assim, a sua experiência na guerra serviu não só para aprender a preparar substâncias venenosas, mas também mostrou truques necessários para o desenvolvimento de histórias de detetives (MORGAN, 2018). Tal fato é de relevância singular, visto que, em mais da metade dos livros publicados por Agatha Christie, a *causa mortis* (*causa de morte*) de personagens ocorre por envenenamento.

Em 1917, Christie já tinha um repertório de escritos, como poemas, crônicas e contos, muitos dos quais foram publicados. Após a leitura de *O Mistério do Quarto Amarelo*, de Gaston Louis Alfred Leroux⁸, a escritora foi inspirada a criar um romance detetivesco. Ao compartilhar seu desejo de escrever com sua irmã, Madge, esta duvidou da habilidade da irmã para tal feito, uma vez que isso não era comum para mulheres da época, as quais eram conhecidas, via de regra, pela escrita de romances (HARKUP, 2020). A fim de provar para a irmã que era capaz de escrever uma história com as características de *romance* e *investigação*, Agatha decidiu escrever um livro assim. Ao perceber-se imersa em um mundo de frascos e venenos, ela decidiu que o envenenamento seria a ferramenta intrigante para assassinar personagens. Nas palavras de Christie:

Eu comecei considerando que tipo de história de detetive eu poderia escrever. Já que eu estava cercada por venenos, talvez fosse natural que a morte por envenenamento fosse o método escolhido. Decidi por um fato que me parecia ter várias possibilidades. Brinquei com a ideia, gostei dela e finalmente a aceitei. Então, passei para os personagens. Quem deveria ser envenenado? Quem o envenenaria? Quando? Onde? Por quê?

⁷ Em sua autobiografia, a autora usa a expressão *Sr. P* como referência a seu professor farmacêutico, cujo nome não é mencionado.

⁸ Escritor e jornalista francês.

E todo o resto [...] (CHRISTIE, 1977, p. 254, tradução nossa)

Desse modo, emergiu *O Misterioso Caso de Styles* (2007), obra na qual Christie incorporou suas habilidades e conhecimentos sobre estricnina. Contudo, a escritora enfrentou anos de espera em diversas editoras até que seu romance fosse aceito para publicação. Segundo Christie (1977), o diretor da *Methuen Books* informou, por meio de carta, que a obra era interessante e tinha excelentes passagens, porém não era apropriada para publicação pela editora. Em seguida, mandou o livro para outra editora, da qual não se recorda o nome, mas que também acabou sendo rejeitado, de modo a levar Agatha a perder as esperanças. Somente em 1920 seu escrito foi aprovado pela *The Bodley Head*⁹ (*A Cabeça Bodley*) (PRATES, 2016).

Com a obra publicada, Agatha Christie recebeu muitos elogios, ganhando uma resenha no *Pharmaceutical Journal* (*Revista Farmacêutica*), afirmando que o romance tinha o raro mérito de estar escrito corretamente. Na autobiografia, ela revela ter considerado a possibilidade de publicar seus escritos sob um nome falso. Inicialmente, pensou em usar nomes como *Martin West* ou *Mostyn Crey*, porém foi convencida a abandonar essa ideia por John Lane, diretor da *The Bodley Head*. A autora explica que cogitou usar um nome falso devido à ideia de que uma obra assinada por uma mulher poderia criar preconceitos entre leitores, especialmente por abordar temas policiais.

5. O VENENO NAS PÁGINAS: ANÁLISE DE O MISTERIOSO CASO DE STYLES E OS CINCO PORQUINHOS

No livro *Poética*, Aristóteles (2008) trata da importância do pensamento humano na crítica literária, com uma abordagem que persiste sendo estudada por literários de tempos recentes. Suas teorias oferecem amplo espaço para a compreensão de teorias estéticas literárias e análise de obras literárias. Ali, o filósofo explora o conceito de *mimese*, descrito como modelo de representação material de aspectos da realidade. Aqui, essa representação pode ser traçada por meio dos romances de Agatha Christie.

De acordo com Aristóteles (2008), a identidade de um sujeito reconhecido como poeta não decorre meramente da produção de poesias ou

⁹ Editora inglesa fundada em 1887 e que existiu como entidade independente até os anos 1970.

poemas estruturados em estrofes e versos, mas de sua habilidade de imitar, conhecida como *mimética*, isto é, a criação de histórias. Nessa perspectiva, criações são cristalizadas a partir de comportamentos humanos e aspectos da realidade, que servem como base para a arte e literatura. Mesmo que sejam ficcionais, obras produzidas são aceitas por diferentes públicos por terem conexão com eventos e aspectos reais.

Nesse sentido, o conceito de *mimese* é frequentemente empregado para retratar o desenvolvimento da narrativa, mas que não é a cópia ou reprodução dos eventos passados. Desse modo, percebemos que, para Aristóteles (2008), a *mimese* não pode ser entendida como uma simples imitação, algo pejorativo, como em Platão (2001), uma vez que possui sentido mais amplo. Este termo, segundo Palhares (2013), não é uma duplicação do real, já que é superado, aprimorado e recriado. Assim sendo, a *mimese* permite a criação de novas abordagens para a percepção da realidade, ao desenvolver uma compreensão de experiências humanas. Dito isso, nota-se o valor que o estagirita conferia à *mimese*, ao afirmar que a tragédia é imitação de uma ação julgada elevada e completa, dotada de extensão. É uma linguagem embelezada por diferentes formas em cada uma de suas partes, a qual faz uso de ação, não de narração, e que, por meio da compaixão e temor, provoca purificação dessas paixões (ARISTÓTELES, 2008; BICALHO; ALVES, 2025).

De acordo Aristóteles (2008), a ação é importante para a tragédia, que não se resume à mera imitação de sujeitos, mas sim de acontecimentos importantes da vida humana. Para ele, a imitação é repleta de propósito. Imita-se aquilo que se julga valioso e digno de ser seguido. Além disso, produções literárias tendem a imitar questões da realidade do mundo e da vida do autor. As experiências pelas quais um indivíduo passa têm a capacidade de moldá-lo, bem como suas produções intelectuais. A criação literária pressupõe tradições, pressupõe contextos, como o histórico e cultural. Obras estão inseridas em um momento da história, sob determinadas circunstâncias, o que também é válido para os autores. As fronteiras da história e da literatura se entrecruzam (SILVA, 1973; ARISTÓTELES, 2008).

Também, segundo o filósofo, organização e condução de episódios pelos personagens são aspectos relevantes para o êxito de uma tragédia (PALHARES, 2013; ARISTÓTELES, 2008). Portanto, sem um desenvolvimento importante, a

tragédia não tem alimento, já que é por meio dos movimentos dos personagens que a trama avança e particularidades da condição humana são analisadas e refletidas. Agora, voltando a Christie, seu romance inaugural, com toda sua criação de elementos trágicos e personagens, ocorre com *O Misterioso Caso de Styles*, publicado em 1920. Com esse livro, ela adentra no universo da literatura de gênero romance policial, trazendo ali muitas marcas e características muito conhecidas do estilo da autora. Na trama, há um veneno letal, um detetive perspicaz, um assistente desajeitado e uma autoridade policial que comete erros, em uma enorme casa de campo, onde o Capitão Hastings decide passar uma temporada a convite de um amigo.

Na madrugada, Emily Inglethorp é encontrada morta em circunstâncias misteriosas. A princípio, tudo indica um ataque cardíaco repentino. No entanto, à medida que os fatos se desenrolam, surge uma hipótese mais sombria: envenenamento por estricnina. Diante da gravidade do caso, Hercule Poirot é chamado para investigar, determinado a decifrar os enigmas ocultos por trás daquela morte. Entre os principais suspeitos estão um respeitado toxicologista, uma enfermeira experiente, um médico e uma jovem funcionária de um dispensário hospitalar. Ao longo da narrativa, torna-se evidente o profundo conhecimento de Agatha Christie sobre substâncias químicas e venenosas, especialmente a estricnina, revelando não apenas sua experiência prática durante a guerra, mas também sua habilidade em transformar ciência em trama literária com precisão e suspense.

‘Portanto, ela bebeu entre então [oito horas] e oito e meia – certamente não muito mais tarde. Bem, a estricnina é um veneno bastante rápido. Seus efeitos seriam sentidos muito em breve, provavelmente dentro de uma hora. No entanto, no caso da Sra. Inglethorp, os sintomas não se manifestam até às cinco horas da manhã seguinte: nove horas! Mas uma refeição pesada, tomada quase ao mesmo tempo que o veneno, pode retardar seus efeitos, embora dificilmente até esse ponto. Ainda assim, é uma possibilidade a ser levada em consideração. Mas, segundo você, ela comeu muito pouco no jantar e, mesmo assim, os sintomas não se desenvolvem até o início da manhã seguinte! Essa é uma circunstância curiosa, meu amigo. Algo pode surgir na autópsia para explicar isso. Entrementes, lembre-se disso (CHRISTIE, 2007, p. 60-61, tradução nossa).

Desse modo, por meio das habilidades adquiridas enquanto auxiliar de farmácia, Agatha Christie incorporou em suas obras, como *O Misterioso Caso de Styles*, um conhecimento técnico detalhado sobre medicamentos, venenos e substâncias tóxicas, muitos dos quais ela mesma manipulava manualmente no dispensário de Torquay. Suas vivências durante a guerra influenciaram diretamente a construção de seus romances, não apenas nos aspectos técnicos, mas também na ambientação, nos personagens e nas situações retratadas.

A autora soube transformar experiências reais em matéria literária, lançando mão da *mimese*, a imitação da vida, como recurso criativo e narrativo. Segundo Aristóteles (2008), esse conceito é uma forma de compreender o mundo e a experiência humana, pois a arte, ao imitar a realidade, tem potencial educativo, promovendo reflexão sobre ações, emoções e comportamentos. A partir dessa perspectiva, é possível afirmar que Agatha Christie, ao trazer para sua literatura ecos de sua própria trajetória, não somente contava boas histórias, ela também mobilizava sentimentos como compaixão e temor, revelando as complexidades do humano mesmo por trás de enigmas e crimes.

O Misterioso Caso de Styles (2007), primeiro romance de Agatha, carrega todas as características de seu estilo clássico de ficção policial. O cenário da história acontece na mansão Styles Court, quando Emily Inglethorp é morta de maneira misteriosa. Uma exame médica aponta a presença de estricnina, um veneno letal. Hercule Poirot, famoso detetive belga, surge para desvendar o mistério ao lado de seu amigo, o Capitão Hastings. Entre os suspeitos do crime estão um especialista em toxicologia, uma enfermeira, um médico e uma moça que presta serviços em um dispensatório hospitalar. A certeza é de que a vítima foi morta com estricnina, mas a grande questão é descobrir como e por quem.

Diante disso, o detetive conduz vários depoimentos. O livro apresenta distrações e pistas falsas ao longo da narrativa, construindo uma teoria sobre como o veneno foi utilizado. Assim, a partir da análise dos hábitos de Emily, descobriu-se que a estricnina foi dissolvida em sua bebida noturna, resultando em sua trágica e rápida morte¹⁰. A estricnina possui propriedades venenosas, servindo como instrumento de assassinato e ponto focal na solução do mistério. A escolha desse veneno é vista em quatro romances e cinco contos de Christie,

¹⁰ A utilização da estricnina na medicina estava em declínio quando Christie escreveu *O Misterioso Caso de Styles*. Tempos depois, encerrou seu uso.

matando cinco indivíduos. Assim, é evidente que Agatha Christie constrói habilmente uma trama a partir do uso desse veneno em *O Misterioso Caso de Styles*, mostrando aos leitores seu conhecimento sobre química, algo adquirido no período em que esteve lidando com farmácia, durante a Primeira Guerra Mundial.

Aristóteles (2008) argumenta que a arte pretende imitar a vida de modo verossímil, representando a essência da experiência humana. Em seus romances, Agatha Christie transmite suas experiências e vivências durante seu serviço na guerra, atuando como mulher, enfermeira e auxiliar de dispensatório. Isso é refletido na forma como a escritora elabora a história, principalmente ao utilizar o veneno como causa da morte de seus personagens. Ela descreve a atuação da substância e como leva à morte, demonstrando sua compreensão dos efeitos e consequências do veneno. E mais: em diversas obras, ela frequentemente utiliza elementos da catarse (ARISTÓTELES, 2008).

O filósofo descreve que, na tragédia grega clássica, a catarse é o meio pelo qual os espectadores são como que purificados emocionalmente ou experimentam uma libertação de sentimento por meio da identificação com personagens e solução do mistério. A habilidade de Christie em criar narrativas intrigantes permite que leitores se envolvam emocionalmente com personagens da história, principalmente com aqueles que são suspeitos. No desenrolar dos acontecimentos e dos segredos revelados, leitores sentem uma sensação de alívio com esclarecimentos e descobertas, algo análogo à catarse. Tais sensações são liberadas quando o detetive descobre o culpado.

Em outro romance policial da autora, a saber, *Os Cinco Porquinhos*, publicado em 1942, período em que ocorreu a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945), a história apresentada é acerca de um assassinato de Amyas Crale, famoso pintor temperamental. O corpo do sujeito é encontrado jogado na frente da sua obra de arte, uma pintura de Elsa Greer. No dia de sua morte, ele bebera um copo de cerveja dissolvida com cicuta¹¹; sua esposa, Caroline, foi considerada culpada e, em seguida, enforcada. Após 16 anos, Carla Lemarchant contrata os serviços de Poirot, para descobrir o verdadeiro assassino de Amyas

¹¹ A cicuta é uma planta altamente venenosa, que pode causar sintomas graves, como a paralisia muscular, convulsões e a morte, devido à paralisia respiratória. Essa planta é famosa por ter causado a morte de Sócrates, em 399 a. C.

Crale e provar a inocência de sua mãe, Caroline Crale, condenada por envenenar seu marido com cicuta. Para isso, o detetive entrevista os cinco porquinhos, isto é, cinco suspeitos presentes no momento da morte de Amyas Crale.

Parte interessante é que, no dia anterior ao assassinato do artista, é narrado que cinco indivíduos estavam em Aldbury para tomar chá em Hardcross Manor. Estavam presentes Crale, Angela Warren, Elsa Greer e Philip Blake. Este último fez um discurso minucioso sobre seu passatempo no laboratório, mostrou a todos os venenos, apresentando as drogas específicas e como agem no corpo humano. Dentre esses elementos, estava a coniina, substância ativa da *cicuta-da-europa*. Philip explicou enfaticamente sobre as propriedades do veneno, relatando sobre a quantidade para tornar-se letal. Essa parte da obra revela a compreensão e conhecimento de Agatha Christie sobre a substância que causou a morte de Amyas Crale e suas consequências, destacando na história as propriedades venenosas do composto.

Assim, Agatha, em *Os Cinco Porquinhos* (2014), inseriu novamente elementos de suas próprias experiências como enfermeira, auxiliar de farmácia e esposa para dar vida ao romance, ao apresentar a história de um homem que tem casos amorosos fora do casamento e é envenenado. Partes de suas vivências pessoais serviram para a construção da narrativa e de personagens, de maneira autêntica e detalhada. É possível compreender o desenvolvimento dos escritos de Agatha por meio da imitação da vida (Aristóteles, 2008), porque Christie utilizou algumas de suas experiências para criar cenários, personagens e episódios que refletem aspectos do real. Um exemplo dessa representação é quando a autora constrói ambientes baseados em lugares reais da Inglaterra, como é o cenário de Alderbury, que é Greenway (MORGAN, 2018). Além disso, os detalhes minuciosos com que Agatha Christie descreve cenários, vilarejos isolados, mansões campestres e luxuosos trens europeus envolvem o leitor de tal forma que ele se sente parte da trama, como se também estivesse desvendando o mistério.

Esses espaços não são apenas cenográficos: são carregados de significados e funcionam como extensão dos conflitos humanos narrados. As dinâmicas sociais e culturais da época também se manifestam por meio das interações entre os personagens, revelando tensões relacionadas à classe,

gênero e moralidade, questões que espelhavam transformações e estruturas da sociedade britânica no século XX (NILÚFAR, 2023). Assim, é possível identificar, à luz do conceito de *mimese* aristotélica, uma ponte entre a ficção de Christie e a realidade histórica de sua época. Seus romances não apenas entretêm, mas refletem e problematizam o mundo ao redor, por meio da representação fiel, ainda que ficcional, de espaços, personagens e acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas grandes guerras mundiais, conforme foi possível observar, as luzes se escureceram, imergindo a humanidade em uma realidade de escuridão e medo. Pânico e alarme se espalharam pelas nações, causando momentos de intensa insegurança. Com o fim da Primeira Guerra Mundial, as luzes finalmente reacenderam. O conflito bélico destruiu e espalhou a carnificina por todos os lados, mas também promoveu mudanças sociais, especialmente para mulheres. Em meio ao cenário da guerra, elas passaram a ocupar funções e habilidades que anteriormente eram consideradas reservadas a homens. Entre tantas mulheres, evidencia-se Agatha Christie, que, com sua habilidade e entusiasmo em aprender, começou a trabalhar no dispensário, produzindo medicamentos e substâncias perigosas.

A escritora aproveitou os conhecimentos e as experiências obtidos durante a guerra, especialmente sobre venenos e suas particularidades, incorporando-os em suas obras como métodos eficazes para eliminar personagens em suas histórias. Pesquisas e estudos sobre a vida e romances de Agatha Christie podem ser conduzidos a partir do contexto da Primeira Guerra Mundial. Por exemplo, pode-se explorar como esse período influenciou a construção dos seus personagens principais, especialmente Hercule Poirot e Miss Marple. A partir de memórias e experiências descritas na autobiografia e biografia de Agatha Christie, além dos romances publicados, é evidente que sua participação na guerra influenciou seu estilo literário e temáticas de suas obras.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Fundação Calouste Gulbenkian: Lisboa, 2008.

BICALHO, L. M. A.; ALVES, L. F. S. A transfiguração do feminino na literatura

brasileira: uma análise sobre a figura da Maria Moura (1992) como símbolo de resistência e subversão aos papéis de gênero. **Semina – Revista dos Pós-Graduandos em História da UPF**, v. 24, n. 1, p. 63-82, 2025.

CAMPOS, L. C. No afrouxar dos espartilhos: uma análise interdisciplinar acerca da formação da identidade ocidental feminina durante a Primeira Guerra Mundial sob a ótica da indumentária. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, v. 6, n. 12, p. 32-48, 2012.

CHRISTIE, Agatha. **An Autobiography**. London: Collins, 1977.

CHRISTIE, Agatha. **Os Cinco Porquinhos**. São Paulo: Nova Fronteira, 2014.

CHRISTIE, Agatha. **The Mysterious Affair at Styles**. London: HarperCollins, 2007.

FERGUSON, N. **The Pity of War**. London: The Penguin, 1998.

FERREIRA, A. C. A fonte fecunda. *In*: PINSKY, C. B.; LUCA, T. R. (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

GILBERT, M. **A Primeira Guerra Mundial: os 1590 dias que transformaram o mundo**. São Paulo: Casa da Palavra, 2015.

HARKUP, K. **Dicionário Agatha Christie de venenos**. Rio de Janeiro: Darkside, 2020.

HASTINGS, M. **Catástrofe – 1914: a Europa vai à guerra**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

HOBSBAWM, E. **A Era dos extremos: o breve século XX (1914-1991)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MORGAN, J. **Agatha Christie: uma biografia**. Rio de Janeiro: Best Seller, 2018.

NILÚFAR, R. Agatha Christie como aficionada de ficção crime. **Perspectivas de desenvolvimento da ciência e da educação**. v. 1, n. 14, 2023.

PALHARES, C. V. T. A mimese na poética de Aristóteles. **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, v. 1, n. 22, p. 15-19, 2013.

PLATÃO. **A república**. 9. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

PERROT, M. **Minha história das mulheres**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2019.

SILVA, V. M. A. **Teoria da literatura**. 3. ed. Coimbra: Almedina, 1973.

Recebido em 24-04-2025.

Aprovado para publicação em 30-07-2025.